

Passagem discreta

Por: Maria Clara Bingemer

Aqueles que, ao tomarem conhecimento do que se passa no mundo, optaram por um inarredável pessimismo, saibam que ainda existem os que acreditam no ser humano como imagem de Deus e em sua infinita dignidade. Passou discretamente pelo Rio de Janeiro, há uma semana, convidado pela Uerj, o professor Guy Coq, filósofo francês, autor de numerosos livros, muito respeitado no meio acadêmico da França.

Mas Guy Coq não veio para falar de si ou apresentar sua obra pessoal. Qual João Batista contemporâneo, precursor que abre o caminho e aponta o outro que vem e para o qual todos devem olhar, esteve no Rio para reavivar no Brasil a memória de Emmanuel Mounier.

Quem é este que tanto significado teve para as gerações passadas e cujo nome provavelmente não ecoa ainda nos jovens de nosso país? Trata-se, Emmanuel Mounier, do fundador da escola de filosofia personalista, que marcou o pensamento ocidental contemporâneo pelo fato de valorizar a pessoa humana antes de qualquer coisa.

Nascido em 1905 e falecido em 1950, Emmanuel Mounier é uma dessas personalidades raras em um século, combinação de uma imensa irradiação pessoal e de uma obra intelectual primorosa e robusta, somada a uma qualidade espiritual fora do comum. Filósofo de formação, Mounier é conhecido sobretudo pela revista que fundou e dirigiu durante longos anos e que marcou época não apenas na França, mas em toda a cultura ocidental: a revista *Esprit*.

Profundamente inscrita nos combates dos anos 30 e nos principais ideais do século XX, a obra de Mounier toma hoje uma nova atualidade. A posição central que sua filosofia dá à noção de pessoa, oposta ao indivíduo, pode contribuir muitíssimo para esclarecer as condições de sobrevivência da sociedade democrática e livre que o Ocidente pretende ser. Ao mesmo tempo, a insistência na urgência de uma nova civilização renova o questionamento sobre o sentido da sociedade e da política.

A época de Mounier é marcada por um certo desprezo da política, devido à sua ambigüidade. Principalmente por parte dos católicos e dos intelectuais, a política não era vista como prioridade. A filosofia do compromisso que Mounier desenvolveu abriu perspectivas novas e interessantes para a educação do cidadão. E animou os católicos a assumirem o compromisso político como forma privilegiada de agir sobre o mundo para transformá-lo.

Aqueles que encontraram em Mounier um mestre e inspirador formaram uma Associação de Amigos para cuidar da divulgação de seu pensamento. Entre eles encontra-se Guy Coq. Ele veio dizer a um Brasil talvez descrente do ser humano, devido à vivência e ao massacre diário da injustiça, da opressão e da violência, que a esperança ainda tem razão de ser e que é preciso acreditar gratuitamente no outro que se manifesta em nosso caminho como uma surpresa.

São ainda de Guy Coq as palavras sobre seu mestre Mounier: "A obra de Mounier parece escapar ao que se nomeia crise das ideologias, pois não se cristaliza jamais em sistema. Ela é, segundo a bela fórmula de Paul Ricoeur, uma 'matriz para as filosofias'. É também um modelo para a educação do pensamento e uma força despertadora de humanidade." Para além do século em que viveu, Mounier, cujo 50º aniversário de morte celebramos no ano 2000, toma a estatura de um mestre espiritual, de um pensador lúcido da ação. Ele restaura

a grandeza da política em uma sociedade que se quer democrática. E é, também, uma figura marcante da adesão do catolicismo à democracia.

A discreta passagem de Guy Coq entre nós confirma mais uma vez que os verdadeiros valores não se sentem à vontade em meio ao estardalhaço, mas confiam em que, na discrição de uma passagem e de um toque, saberão se impor pela própria força que carregam consigo.